VIDA E ACTIVIDADES DO INSTITUTO (IUDPS)

ESTÁGIOS CURRICULARES

Os Estágios Curriculares no ano lectivo 2001/2002

Ao longo do ano lectivo de 2001/2002, a Comissão Coordenadora dos Estágios desenvolveu mais um processo de candidatura aos estágios curriculares para os finalistas em Gestão e Desenvolvimento Social. Se bem que este seria um dos principais desideratos da Comissão, outro se colocava que, pela sua importância, contribuiria para que a Comissão passasse a ter um dimensão diferente. Este objectivo consistia, por um lado, em iniciar os contactos e os procedimentos para que se pudesse efectivar no próximo ano lectivo 2002/2003 o início dos estágios curriculares para a licenciatura em Informática de Gestão e, por outro, alterar e harmonizar as regulamentações em função desta nova realidade.

O número de candidatos a estágio para o ano lectivo 2001/2002 foi de 20 alunos. O processo de contacto/selecção dos locais de estágio decorreu até ao final do mês de Setembro de 2001 tendo sido seleccionados 38 lugares, oriundos de 30 organizações distintas.

De seguida, apresentam-se dois gráficos que ilustram a colocação dos 20 estagiários por distrito e por sectores de actividade.

Num ano de novos desafios para a Comissão de Coordenação de Estágios, convém evidenciar os resultados positivos alcançados pelos

finalistas até Junho de 2002. Dos 18 alunos que já se tinham submetido à avaliação, 10 continuavam a permanecer na Instituição de acolhimento mesmo após o fim do estágio curricular, o que representa cerca de 56% dos alunos que já tinham sido avaliados, e cerca de 50% da totalidade dos estagiários.

Estes resultados confirmam uma crescente adequação, manifestada há já alguns anos, entre a formação ministrada, o *stock* de capital humano dos licenciados e os requisitos empresariais existentes no mercado de trabalho. Cada vez mais, a Comissão é interpelada para servir de “placa giratória” ou de elo entre a oferta e a procura no mercado de trabalho, não somente ao nível dos estágios curriculares, como também ao nível dos estágios profissionais, acções de formação, concursos nacionais, entre outros...

Filipe Almeida Santos

NOTÍCIAS DO I.U.D.P.S

Das actividades desenvolvidas durante este ano lectivo 2001/2002 no IUDPS merece um particular destaque a comemoração dos 10 anos da Revista *Gestão e Desenvolvimento*. Para assinalar este período de publicação foi promovido um Colóquio que decorreu nos dias 5 e 6 de Dezembro no Auditório do Pólo de Viseu do Centro Regional das Beiras. O tema subjacente a este colóquio foi: “Economia Portuguesa. Perspectivas e Desafios” e contou com a presença do Senhor Reitor, Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, na sessão de abertura. Do seu Programa faziam parte as intervenções dos seguintes conferencistas: Prof. Doutor Fernando Pacheco (Professor da UCP), Sr. Henrique Neto (Presidente do Conselho de Administração da Iberomoldes), Prof. Doutor António Simões Lopes (Bastonário da Ordem dos Economistas), Eng. Paulo Gonçalves (Portugal Telecom), Prof. Doutor Augusto Mateus (Professor do ISEG), Dr. Almeida Henriques (Presidente do conselho Empresarial do Centro). Concluiu-se o segundo dia do encontro com uma mesa-redonda que reuniu licenciados do IUDPS em Gestão e Desenvolvimento Social, nomeadamente: Dr. Rui Melo (Responsável da Delegação Regional de Viseu da Imoleasing), Dr. Fausto Reis (Director de Área do BPI), Dr. Guilherme Almeida (Coordenador de Zona da Global Seguros, SA) e Dr^a Elisabete Farreca (Directora Financeira das Martifer, SA).

No momento de encerramento o Prof. Doutor Amado Mendes, Coordenador da Revista, apontou as principais conclusões, que considerou tópicos de reflexão elaborados a partir das apresentações das conferências, as quais serão adiante transcritas.

De realçar, ainda, durante este ano lectivo, a abertura de um novo Curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores.

Por iniciativa do Gabinete da Coordenação de Estágios e à semelhança do que aconteceu no passado ano lectivo, realizou-se, no dia 7 de Maio de 2002, um “Dia Aberto” em que se promoveu o contacto: Alunos, Universidade e Organizações do meio empresarial. Este primeiro

encontro contou com a presença da Caixa Geral de Depósitos, estando previstos uma série de novos contactos num próximo “Dia Aberto” a decorrer no mês de Junho.

No dia 29 de Maio de 2002, na Igreja do Seminário Maior de Viseu, teve lugar a sessão solene de Bênção e Entrega de Diplomas aos licenciados pelo Pólo de Viseu, que contou com as presenças do Reitor da UCP, Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, com o Bispo de Viseu, D. António Monteiro e de outros representantes dos Centros da UCP, bem como de membros do corpo docente e discente e funcionários deste Pólo de Viseu.

Maria Cristina Sousa Gomes

COLÓQUIO “ECONOMIA PORTUGUESA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS” (5 e 6 de Dezembro de 2001)

CONCLUSÕES

Após os excelentes contributos que nos foram trazidos pelos conferencistas, enriquecidos pelos debates a que as suas intervenções deram ensejo, é pertinente recordar alguns dos aspectos mais relevantes do que foi focado. Como conclusões? Não propriamente – apesar do título em epígrafe –, pois entendo que aquelas deverão ficar a cargo de cada um dos participantes. Prefiro, assim, sublinhar alguns tópicos que me parecem dignos de reflexão.

Da primeira conferência (**Prof. Fernando Pacheco**) eu destacaria os seguintes pontos:

- A possibilidade de Portugal controlar ou não (como factor endógeno) a convergência real e, quanto a esta questão, uma outra que decorre de uma simples constatação (porque já se verificou em certos períodos): Portugal poderá e deverá crescer/desenvolver-se mais rapidamente que alguns dos países mais desenvolvidos, uma vez que já apresenta um PIB relativamente elevado e certa massa crítica, enquanto aqueles têm, fundamentalmente, que inovar.
- A importância da produtividade global dos factores, com destaque para o papel fulcral do *capital humano*. À medida que a questão das infra-estruturas vai ficando resolvida (o que tem vindo a

verificar-se desde o QCA I), há que investir, cada vez mais, em: educação e formação; investigação e inovação.

- A relevância da imaterialidade. Atenção à organização e à administração das empresas. “Large is beautiful”? Não necessariamente. Mas é preciso pensar na integração (virtual) de empresas. Isso possibilitará, por exemplo, que se incremente a investigação.
- “Time is money”, diz o conhecido “slogan”. O conferencista, por outras palavras, diz algo semelhante, embora de modo mais abrangente, ao afirmar: «o tempo é crítico; há que aproveitar a oportunidade certa. Trata-se da tal “janela de oportunidades” que, se não for aproveitada, entretanto se fecha».
- O papel do Estado é agora muito importante – a exemplo do que já se verificou no século XIX, como “alavanca” dos “late comers”, isto é, dos países que se industrializaram mais tarde –, pois compete-lhe: a) fornecer bens públicos que satisfaçam as necessidades da população; b) reduzir e controlar os gastos; c) “reter” as pessoas (se possível, as melhores e as mais capazes), criando-lhes condições favoráveis para que isso suceda. Como bem notou o orador (quase no final da sua conferência, fazendo uma citação): «num mundo onde os bens, o capital e as tecnologias circulam livremente, a diferença está nas pessoas».

Por sua vez, da intervenção do **Senhor Henrique Neto**, permito-me destacar o seguinte. Tendo começado por solicitar à assistência que identificasse o principal problema da economia portuguesa, o orador apresentou, em seguida, o seu ponto de vista: trata-se da «relação de troca, com outros países, que nos é desfavorável».

Recorrendo a exemplos concretos – privilegiando, embora, os casos do Japão e da Irlanda –, delineou uma proposta de estratégia para a economia portuguesa, a qual, em seu entender, passa fundamentalmente pelos seguintes factores:

- Considerar, como essenciais, os recursos humanos, qualificados com adequada formação e capacidade científica.
- Prestar mais atenção ao nível pré-escolar, ao qual 1/3 das crianças ainda não tem acesso.
- Providenciar um transporte escolar mais eficaz e organizar as actividades pedagógicas, de modo a que os alunos permaneçam mais tempo na escola.

- Acrescentar valor aos nossos produtos, de forma a que eles sejam desejados e procurados no estrangeiro.
- Valorização da experiência das empresas que operem em mercados muito exigentes, como o dos Estados Unidos ou do Japão.

Em termos globais, distinguir dois tipos de produtos: *maduros* e *inovadores*.

No primeiro caso, não temos possibilidade de competir. Por isso, deixar actuar ou até facilitar o investimento estrangeiro. Deu como exemplo o papel da Auto-Europa, pela qual já passam 11% das exportações portuguesas.

No segundo caso – o dos produtos inovadores –, deve residir aqui a grande aposta das empresas portuguesas. É também importante que estas se liguem ao sistema científico.

Deverão acrescentar-se (como, aliás, foi salientado no próprio debate subsequente), aos tais produtos inovadores, os produtos tradicionais, específicos e genuínos, em relação aos quais dispomos de larga experiência e de inegáveis vantagens comparativas. Como é do conhecimento geral, já no conhecido *Relatório Porter*, divulgado há alguns anos, se chamava a atenção para aqueles produtos (vinho, sectores da madeira e da cortiça, têxteis de qualidade, etc.).

O **Prof. Simões Lopes** dedicou a sua conferência à problemática, hoje na ordem do dia, da globalização. Começou por especificar o significado de alguns conceitos, com destaque para os de *crescimento* e *desenvolvimento*. Acentuou que a primazia é dada ao homem e que não há fenómenos económicos; o que há são fenómenos sociais.

Relativamente aos conceitos de crescimento e desenvolvimento e à relação entre eles, recordou: «desenvolvimento não é apenas crescimento. O desenvolvimento não é só económico, mas também social, humano, cultural, etc. O crescimento deve estar ao serviço do desenvolvimento, constituindo este um fim e aquele um meio».

Quanto à problemática da globalização, o orador destacou os seguintes aspectos:

- A globalização não é um fenómeno novo; desde a Antiguidade, passando pela Romanização e, mais tarde, pelos Descobrimentos Portugueses, o homem sempre tem “lutado” por ela.
- Globalização e regulação: quem a poderá controlar ou regular?
- A globalização em prol e benefício de todos? Ou a marginalização de alguns?

- As assimetrias do desenvolvimento e o desenvolvimento regional. A globalização atenua ou agrava as ditas assimetrias?
- O desenvolvimento regional como antídoto (ou um dos antídotos) aos efeitos nocivos da globalização.
- A globalização deve ser “enquadrada” pela ética e pela cidadania.
- Em síntese: a globalização não é um fim, mas um instrumento do desenvolvimento.

O **Eng.º Paulo Gonçalves**, por seu turno, falou da Portugal Telecom: caracterização e estratégias. Trata-se de um grupo internacionalizado, de uma multinacional. Não só é grande, à escala nacional, como também já o é ao nível da Europa e mesmo da América Latina e de outras áreas.

Da exposição efectuada parecem-me de salientar os seguintes aspectos:

- A existência de uma cultura de empresa altamente consolidada, ganhadora e agressiva.
- Promoção e valorização dos recursos humanos, tendo por base a meritocracia.
- Os melhores e os que conseguem melhores “performances” são devidamente promovidos.
- Procura de talentos e de competências em universidades e centros nacionais e, inclusivamente, estrangeiros.
- Abertura à entrada de gente nova, competente e com formação elevada.
- Inovação permanente em termos de: produtos, serviços e penetração num número de países cada vez maior.

O **Prof. Augusto Mateus** começou por se referir à grande contradição verificada na realidade portuguesa: a baixa produtividade (43% da média europeia), em contraste com o elevado nível de vida (75% da referida média). Ou seja: produzimos pouco e consumimos demasiado.

Seguidamente, enumerou os factores que, efectivamente, são importantes, a saber: as pessoas, a competitividade, a inovação, a formação e as empresas inovadoras.

À pergunta: “o que pedir às políticas públicas”? responde o orador: praticamente estabilidade e um enquadramento de confiança, a médio prazo, para que valha a pena investir na investigação e na formação, com retorno a médio e a longo prazo.

Por último, o **Dr. Almeida Henriques** focou «As perspectivas do movimento associativo no desenvolvimento da Região Centro». Começou por se referir às potencialidades da dita Região, na qual se concentra cerca de ¼ das empresas do país (24%) e da população (2,4 milhões de habitantes). Nela se encontra ainda 1/3 do total das PME de excelência. Salientou a necessidade de se assumirem as complementaridades nas oito cidades e nos seis distritos da Região Centro.

Chamou a atenção para a importância da ligação, em rede, das diversas associações e para o papel importante desempenhado pelo Conselho empresarial do Centro e pela respectiva Câmara de Comércio e Indústria. A NET CENTRO, como instrumento relevante de informação para os técnicos superiores/empresários, constitui um dos múltiplos desafios a vencer.

Como estratégias empresariais a incrementar destacou as seguintes:

- Diversificação e valorização das actividades empresariais.
- A inovação, como desafio determinante; o poder da localização e a sua relevância.
- A importância da ligação das empresas às Universidades e a outros estabelecimentos de ensino e de investigação e, simultaneamente, o contacto dos docentes com as actividades empresariais.
- Espírito regional, empreendedorismo, inovação e competitividade.
- O espírito empresarial deve ser fomentado desde os bancos das escolas.
- A afirmação da nova centralidade.

A concluir, realizou-se uma Mesa Redonda subordinada ao tema ***Universidade – Empresa: Que Diálogo?*** Intervieram os Drs. Rui Melo, Fausto Reis e Guilherme Almeida e a Dr.^a Elisabete Farreca. Como Licenciados pelo Pólo de Viseu do Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa e possuindo já uma vasta experiência no âmbito da Gestão, falaram das respectivas actividades desenvolvidas e, bem assim, da ligação da teoria (adquirida ao longo do Curso) à prática, proporcionada pela vida profissional.

José Amado Mendes